



*Gira e gira no vórtice crescente
Não escuta o falcão ao falcoeiro;
As coisas vão abaixo; o centro cede;
Mera anarquia é solta sobre o mundo,
Solta a maré de sangue turva, afoga-se
Por toda parte o rito da inocência;
Falta fé aos melhores, já os piores
Se enchem de intensidade apaixonada.*

*Por certo, há revelações a vir;
Por certo, há a Segunda Vinda a vir.
Segunda Vinda! Mal saem tais palavras,
E a vasta imagem do Spiritus Mundi
Perturba-me a visão: lá no deserto
Um vulto de leão com rosto de homem,
O olhar vago, impiedoso como o sol,
As lentas coxas move, tendo em torno
Sombras de iradas aves do deserto.
Cai a treva outra vez, mas ora sei
Que o pétreo sono de seus vinte séculos
Vexou-se ao pesadelo por um berço.
Que besta bruta, de hora enfim chegada,
Rasteja até Belém para nascer?*

W. B. Yeats, “A Segunda Vinda”^[1]

*Aprendi sobre coragem com Buda, Jesus,
Lincoln, Einstein e Cary Grant.
Miss Peggy Lee*

Um prefácio

I. Estilos de vida na terra do ouro

Sonhadores do sonho dourado

John Wayne: Uma canção de amor

Onde as saudações não cessam

Camarada Laski, CPUSA (M.-L.)

Romaine Street 7000, Los Angeles 38

California dreaming

Casamentos absurdos

Rastejando até Belém

II. Pessoais

Sobre ter um caderno

Sobre o amor-próprio

Não consigo tirar esse monstro da cabeça

Sobre a moralidade

Sobre ir para casa

III. Sete lugares da mente

Notas de uma nativa

Carta do paraíso, 21° 19'N, 157° 52'O

A rocha secular

O litoral do desespero
Guaymas, Sonora
Caderno de Los Angeles
Adeus a tudo isso

Agradecimentos

Autora

Créditos

Um prefácio

Este livro se chama *Rastejando até Belém* porque por alguns anos certos versos do poema de Yeats, que aparece três páginas atrás, reverberaram no meu ouvido interno como se nele tivessem sido implantados cirurgicamente. O vórtice crescente, o falcão que não escuta ao falcoeiro, o olhar vago e impiedoso como o sol: esses foram meus paradigmas; as únicas imagens que, indo ao encontro de muito do que eu estava vendo, ouvindo e pensando, pareciam formar algum padrão. “Rastejando até Belém” também é o título de um dos ensaios deste livro, e esse ensaio, que deriva de uma temporada que passei no distrito de Haight-Ashbury, em San Francisco, foi para mim tanto o mais imperativo de todos esses

escritos quanto o único que me deixou desanimada depois de publicado. Foi a primeira vez que lidei de forma direta e categórica com as evidências da atomização, a prova de que as coisas desmoronam: fui a San Francisco porque não conseguia trabalhar havia meses, estava paralisada pela convicção de que escrever era um ato irrelevante e de que o mundo, como eu o compreendera, não existia mais. Se de algum modo eu fosse voltar a trabalhar, precisaria aceitar a desordem. Por isso esse ensaio era importante para mim. Depois da publicação, vi que, por mais que eu pensasse ter sido direta e categórica, não consegui me fazer entender para muitas pessoas que leram e até gostaram do ensaio, não consegui mostrar que eu falava sobre algo mais geral do que a respeito de um punhado de crianças com mandalas na testa. Os disc-jóqueis telefonavam para minha casa e queriam discutir (ao vivo) a incidência de “sujeira” em Haight-Ashbury, e conhecidos me parabenizaram por ter terminado o ensaio “bem na hora”, porque “agora essa moda está acabada, *fini, kaput*”. Suponho que quase todo mundo que

escreve volta e meia se aflige com a suspeita de que ninguém esteja escutando, mas na ocasião me pareceu (talvez porque o ensaio fosse importante para mim) que eu nunca tinha recebido um feedback tão amplamente despropositado.

Quase todos os ensaios deste livro foram escritos para revistas, entre os anos 1965, 1966 e 1967, e a maioria deles — assim nos livramos dessa pergunta desde o início — foi “ideia minha”. Me pediram para ir ao Vale de Carmel fazer uma reportagem sobre a escola de Joan Baez, me pediram para ir ao Havaí, acho que me pediram para escrever sobre John Wayne, e também me encomendaram breves ensaios sobre “moralidade” para *The American Scholar*, e sobre “amor-próprio” para a *Vogue*. Dos vinte ensaios aqui reunidos, treze foram publicados no *The Saturday Evening Post*. Com frequência me escrevem de lugares como Toronto, querendo saber (exigindo saber) como posso ficar em paz com minha consciência escrevendo para o *The Saturday Evening Post*, e a resposta é bem simples. O *Post* é extremamente receptivo ao que o escritor quer fazer, paga o suficiente para que ele possa fazê-lo bem e é cuidadoso para não mudar o texto original. De vez em quando, perco no *Post* certas sutilezas da inflexão, mas não acho que isso me comprometa. É claro que nem todos os textos deste livro, no que se refere à temática, têm a ver com a ruptura geral, com as coisas desmoronando; essa é uma noção ampla e um tanto presunçosa, e muitos destes ensaios são pequenos e pessoais. Mas como não tenho memória fotográfica nem sou dada a escrever ensaios que não me interessam, tudo o que escrevo reflete, às vezes gratuitamente, como me sinto.

Não sei ao certo o que mais posso dizer sobre estes ensaios. Poderia dizer que gostei mais de trabalhar em uns do que em outros, mas que todos foram difíceis e tomaram mais tempo do que talvez merecessem; que há sempre um ponto na escrita de um texto em que me sento em uma sala literalmente forrada de tentativas frustradas, não consigo encadear uma palavra após a outra, e imagino que sofri um pequeno derrame, que

aparentemente não me causou danos mas que, na verdade, me deixou afásica. Eu de fato estava mais doente do que nunca enquanto escrevia “Rastejando até Belém”; a dor me mantinha acordada à noite, então por vinte, vinte e uma horas por dia, eu tomava água quente com gim para atenuar a dor e Dexedrine para atenuar o gim e escrevia o ensaio. (Gostaria que você pensasse que continuei trabalhando graças a algum senso de profissionalismo, para cumprir o prazo, mas isso não seria totalmente verdadeiro; eu tinha um prazo, mas era um período conturbado, e o trabalho fazia com a conturbação o que o gim fazia com a dor.) O que mais posso contar? Sou ruim em entrevistar pessoas. Evito situações em que precise falar com o assessor de imprensa de alguém. (Isso me impede de escrever sobre a maioria dos atores, um bônus em si.) Não gosto de telefonemas e não gostaria de enumerar as manhãs em que, sentada na cama de algum hotel Best Western, em alguma beira de estrada, tentei me forçar a fazer ligações e aguardar que me pusessem na linha o assistente do promotor público. Minha única vantagem como repórter é que sou tão pequena fisicamente, meu temperamento é tão discreto e sou tão neuroticamente inarticulada que as pessoas tendem a esquecer que minha presença se opõe aos seus maiores interesses. E sempre se opõe. Esta é uma última coisa a lembrar: *os escritores estão sempre traindo alguém.*

I.

Estilos de vida na terra do ouro

Sonhadores do sonho dourado

Esta é uma história de amor e morte na terra do ouro, e começa no campo. O Vale de San Bernardino fica a apenas uma hora de Los Angeles, na direção leste, pela rodovia San Bernardino, mas em certos sentidos é um lugar atípico: não a Califórnia costeira dos crepúsculos subtropicais e dos suaves ventos do oeste vindos do Pacífico, mas uma Califórnia mais severa, assombrada pelo Mojave do outro lado das montanhas, devastada pelo calor e pela secura do vento de Santa Ana, que desce pelas encostas a 160 quilômetros por hora, ruge pelos quebra-ventos de eucalipto e dá nos nervos. Outubro é o pior mês de ventania, o mês em que é difícil respirar e as colinas ardem espontaneamente. Não chove desde abril. Toda voz parece um grito. É a estação do suicídio, do divórcio e do pavor arrepiante, onde quer que o vento sopra.

Os mórmons se estabeleceram nessa paisagem sinistra e depois a abandonaram, mas não sem antes plantar a primeira laranjeira, de modo que pelos cem anos seguintes o Vale de San Bernardino atrairia um tipo de gente que imaginava poder viver rodeado da fruta talismânica e prosperar em meio ao ar seco, uma gente que trouxe consigo as maneiras do Meio-Oeste de construir, cozinhar e rezar e que tentou enxertar esses costumes na terra. O enxerto tomou formas curiosas. Essa é a Califórnia onde se pode viver e morrer sem nunca ter comido uma alcachofra, sem nunca ter conhecido um católico ou um judeu. Essa é a Califórnia onde é fácil ligar para o Disque-Devoção, mas é difícil comprar um livro. É a terra onde a crença na interpretação literal do Gênesis se transformou imperceptivelmente em crença na interpretação literal do *Pacto de sangue*; a terra dos penteados volumosos, das calças cápri e das meninas para quem a grande promessa de vida se resume a

um vestido de noiva branco de cauda curta e a dar à luz uma Kimberly ou uma Sherry ou uma Debbi e depois divorciar-se em Tijuana e retomar o curso de cabeleireira. “Éramos jovens e inconsequentes”, dizem sem arrependimento, e olham para o futuro. O futuro sempre parece atraente na terra de ouro, porque ninguém se lembra do passado. Esse é o lugar onde o vento quente sopra e os velhos hábitos não parecem relevantes, onde a taxa de divórcio é o dobro da média nacional e onde uma a cada 38 pessoas mora num trailer. Aqui é a última parada para todos que vêm de algum outro lugar, todos aqueles que fugiram do frio, do passado e dos velhos hábitos. É aqui que essas pessoas buscam um novo estilo de vida, e fazem isso nos únicos lugares onde sabem procurar: nos filmes e nos jornais. O caso de Lucille Marie Maxwell Miller é um monumento sensacionalista a esse novo estilo de vida.

Para começar, imagine a Banyan Street, porque foi lá que tudo aconteceu. Para chegar à Banyan vindo de San Bernardino, é preciso pegar o sentido oeste e dirigir pelo Foothill Boulevard, na Rota 66, passando pelos jardins de Santa Fe e pelo hotel Forty Winks. O hotel se resume a dezenove cabanas de estuque: “DURMA NA CABANA — E GASTE COM ADEREÇOS DE WAMPUM”. Depois, é preciso passar pela Fontana Drag City, pela igreja de Nazareno de Fontana e pelo restaurante Pit Stop A Go-Go; em seguida pela fábrica de aço Kaiser Steel, cruzar o Cucamonga, e sair na altura do bar-restaurant-cafeteria Kapu Kai, na esquina da Rota 66 com a Carnelian Avenue. Ao subir a Carnelian a partir do Kapu Kai, cujo nome significa “Mares proibidos”, o vento forte chicoteia as bandeiras do condado. “RANCHOS DE DOIS MIL METROS QUADRADOS! LANCHONETES! ENTRADA DE MÁRMORE TRAVERTINO! 95 DÓLARES DE ENTRADA!” É o rastro de um plano que deu errado, dos destroços da Nova Califórnia. Mas depois de um tempo as placas já não aparecem na Carnelian Avenue e as casas deixam de ter os tons pastéis brilhantes, escolha típica dos proprietários da Springtime Home, e são substituídas por bangalôs desbotados de pessoas que cultivam algumas uvas e criam umas poucas galinhas no quintal; e depois

a montanha fica mais íngreme, a estrada vai subindo e até mesmo os bangalôs se tornam raros, e é aqui — desolada, com superfícies ásperas revestidas de eucaliptos e limoeiros — que fica a Banyan Street.

Como boa parte dessa região, a Banyan Street causa uma impressão peculiar e antinatural. Os limoeiros estão afundados atrás de um muro de contenção de cerca de um metro, de modo que se vê diretamente a densa e exuberante folhagem, perturbadora de tão lustrosa, o verdor dos pesadelos; a casca caída do eucalipto é muito poeirenta, um bom lugar para as cobras se reproduzirem. As pedras não se parecem com pedras naturais, mas com escombros de algum levante de que não se fala. Há vasos manchados e uma cisterna fechada. De um lado da Banyan está uma parte plana do vale e, do outro, as montanhas de San Bernardino, uma massa escura que se ergue bem para o alto, rápido demais, um, dois, três mil metros, logo acima dos limoeiros. À meia-noite não há nenhuma luz e nenhum barulho na Banyan Street, exceto do vento batendo no eucalipto e do latido abafado dos cachorros. Pode ser que haja um canil em algum lugar, ou talvez os cães sejam coiotes.

Banyan Street foi o caminho que Lucille Miller pegou de volta para casa depois de ir ao Mayfair Market, um mercado 24 horas, na noite de 7 de outubro de 1964. Era uma noite em que a lua estava escura, o vento soprava e Lucille estava sem leite em casa, e foi na Banyan Street que, por volta de meia-noite e meia, seu Volkswagen 1964 parou de repente e começou a pegar fogo. Por uma hora e quinze minutos, Lucille Miller correu pra cima e pra baixo pela Banyan pedindo socorro, mas nenhum carro passou, nenhuma ajuda apareceu. Às três da madrugada, quando o fogo tinha sido apagado e os agentes da polícia rodoviária da Califórnia preenchiam seu relatório, Lucille Miller continuava incoerente e soluçando, porque seu marido adormecera no Volkswagen. “Não resta nada, nada pro caixão. O que direi às crianças?”, ela gemia para a amiga que havia sido chamada para confortá-la. “Como posso explicar a elas que não restou nada?”

Na verdade, algo tinha restado e, uma semana mais tarde, esse algo jazia na capela do necrotério Draper, na cidade de Ontário, dentro de um caixão de bronze fechado e coberto de cravos rosa. Cerca de duzentos enlutados ouviram élder Robert E. Denton, da Igreja Adventista do Sétimo Dia, falar sobre “o temperamento furioso que irrompeu entre nós”. Para Gordon Miller, ele disse que não haveria “nem mais mortes, nem mais pesares, nem mais mal-entendidos”. Élder Ansel Bristol fez menção à “peculiaridade” daquela dor. Élder Fred Jensen perguntou: “De que serve a um homem ganhar o mundo inteiro e perder a própria alma?”. Caiu uma leve chuva, uma bênção na estação seca, e uma vocalista entoou “Safe in the Arms of Jesus”. Uma fita da cerimônia foi gravada para a viúva, que estava presa sem direito à fiança na cadeia do condado de San Bernardino, acusada de homicídio qualificado.

É claro que Lucille era de outro lugar, que tinha deixado a pradaria em busca de algo que devia ter visto num filme ou ouvido na rádio, já que essa é uma história do sul da Califórnia. Ela nasceu em 17 de janeiro de 1930 em Winnipeg, Manitoba, filha única de Gordon e Lily Maxwell, ambos professores e devotos da Igreja Adventista do Sétimo Dia, cujos membros observam o Sabá aos sábados, acreditam numa Segunda Vinda apocalíptica, têm forte tendência missionária e, quando são rigorosos, não fumam nem bebem, não comem carne, não usam maquiagem e tampouco joias, nem sequer alianças de casamento. Quando se matriculou na Faculdade Walla Walla de College Place, em Washington, a instituição adventista de ensino onde seus pais lecionavam na época, Lucille Maxwell tinha dezoito anos, aparência boa mas ordinária e ânimo extraordinário. “Lucille queria ver o mundo”, diria seu pai em retrospecto, “e acho que ela conseguiu.”

O ânimo, no entanto, não contribuiu para que ela levasse adiante o seu curso na Walla Walla e, na primavera de 1949, Lucille Maxwell conheceu e se casou com Gordon (“Cork”) Miller, de 24 anos, formado pela Walla Walla e também pela

faculdade de odontologia da Universidade de Oregon, e depois enviado para Fort Lewis como médico. “Talvez se possa dizer que foi amor à primeira vista”, lembra o sr. Maxwell. “Antes de serem formalmente apresentados, ele mandou uma dúzia e meia de rosas para Lucille, com um cartão dizendo que, mesmo que ela não quisesse sair com ele, ele esperava que ela apreciasse a beleza das rosas.” Os Maxwell se lembram de a filha ter sido uma noiva “radiante”.

Os casamentos infelizes são todos tão parecidos que não faz falta saber muito sobre o desenrolar deste em particular. Pode ou não ter havido problemas na ilha de Guam, onde Cork e Lucille Miller moraram enquanto ele terminava seu serviço no Exército. Pode ou não ter havido problemas na pequena cidade de Oregon, onde ele teve seu primeiro consultório particular. Parece que houve alguma decepção relacionada à mudança deles para a Califórnia: Cork Miller havia dito aos amigos que queria ser médico, que estava infeliz como dentista e planejava ingressar na Faculdade dos Médicos Evangelistas, pertencente aos Adventistas do Sétimo Dia, em Loma Linda, a poucos quilômetros de San Bernardino. Em vez disso, ele comprou uma clínica odontológica no extremo oeste do condado de San Bernardino, e foi lá que a família se estabeleceu, em uma casa modesta numa dessas ruas onde sempre há triciclos e crédito rotativo e onde se sonha com casas maiores, ruas melhores. Isso foi em 1957. No verão de 1964, eles já haviam conseguido uma casa maior em uma rua melhor e todos os aparatos clássicos de uma família em ascensão: os 30 mil dólares por ano, os três filhos no cartão de Natal, a janela panorâmica, o salão familiar, as fotos no jornal que mostravam “Sra. Gordon Miller, presidente da Fundação do Coração, em Ontário [...]”. Estavam pagando o preço clássico por tudo isso. E haviam chegado à clássica temporada do divórcio.

Poderia ter sido um verão péssimo como qualquer outro — um cerco de calor, nervosismo, enxaqueca e preocupações com dinheiro —, mas esse começou particularmente cedo e particularmente mal. Em 24 de abril, morreu de repente uma

velha amiga, Elaine Hayton; Lucille Miller havia estado com ela na noite anterior. No mês de maio, Cork Miller foi hospitalizado por um breve período por causa de uma úlcera hemorrágica e seu habitual caráter reservado agravou sua depressão. Ele disse ao seu contador que estava “farto de olhar bocas abertas” e ameaçou suicidar-se. Em 8 de julho, as tensões convencionais por amor e por dinheiro haviam chegado a um impasse convencional na nova casa, num terreno de meio hectare no número 8488 da Bella Vista Drive, e Lucille Miller pediu o divórcio. Dentro de um mês, no entanto, os Miller pareciam reconciliados. Foram a um terapeuta de casais. Falaram sobre ter um quarto filho. O casamento parecia ter chegado àquela trégua tradicional, o ponto em que muitos se resignam a reduzir tanto as perdas quanto as esperanças.

Mas a temporada turbulenta dos Miller não acabaria tão facilmente. O 7 de outubro começou como um dia corriqueiro, daqueles que irritam de tão tediosos, com suas pequenas frustrações. Naquela tarde a temperatura chegou aos 39 graus em San Bernardino e os filhos dos Miller já tinham voltado da escola, porque os professores teriam treinamento. Havia roupa para deixar na lavanderia. Era preciso buscar uma receita de Nembutal e também ir a um autosserviço de lavagem a seco. No fim da tarde houve um acidente desagradável com o Volkswagen: Cork Miller atropelou e matou um pastor-alemão e depois disse que sentia como se um caminhão tivesse passado por cima de sua cabeça. Era algo que ele costumava dizer. Naquela tarde Cork Miller tinha uma dívida de 63 479 dólares, incluindo a hipoteca da nova casa, no valor de 29 637 dólares; um montante que lhe parecia opressivo. Era um homem preocupado com suas responsabilidades e que constantemente queixava-se de enxaquecas.

Ele jantou sozinho naquela noite, numa mesinha dobrável na sala de estar. Mais tarde os Miller viram John Forsythe e Senta Berger em *See How They Run* [Veja como eles correm] e quando o filme acabou, por volta das onze, Cork Miller sugeriu que saíssem para comprar leite. Ele queria um chocolate quente.

Pegou uma manta e uma almofada do sofá e subiu no banco do carona do Volkswagen. Lucille Miller se lembra de ter esticado o braço para trancar a porta dele, enquanto saía de ré pelo portão da garagem. Quando ela saiu do Mayfair Market, e bem antes de chegarem a Banyan Street, Cork Miller já parecia ter dormido.

Há certa confusão na mente de Lucille Miller sobre o que aconteceu entre meia-noite e meia, hora em que o incêndio começou, e 1h50, quando foi comunicado. Ela diz que estava dirigindo a menos de sessenta quilômetros por hora na Banyan Street, sentido leste, quando sentiu uma guinada brusca do Volkswagen para a direita. A cena seguinte que soube relatar era do carro no aterro, quase na beira do muro de contenção, e as chamas aumentando atrás dela. Não lembra de ter saltado do carro. Lembra de ter quebrado com uma pedra a janela do lado do marido e em seguida ter subido no muro de contenção em busca de um pedaço de pau. “Eu não sabia como tirar ele dali”, diz ela. “Só pensei que, se tivesse um pedaço de pau, conseguiria empurrá-lo para fora.” Ela não conseguiu, e após um tempo correu para o cruzamento da Banyan com a Carnelian Avenue. Não há casas naquela esquina, e quase não há tráfego. Depois que um carro passou e não parou, Lucille Miller desceu correndo a Banyan em direção ao Volkswagen em chamas. Ela não parou, mas diminuiu a velocidade e viu o marido no meio do fogo. Ele era “apenas um pretume”, ela disse.

Na primeira casa da Sapphire Avenue, a oitocentos metros do Volkswagen, Lucille Miller por fim encontrou ajuda. Lá, a sra. Robert Swenson ligou para o xerife e depois, a pedido de Lucille Miller, ligou para Harold Lance, advogado e amigo íntimo da família. Quando Harold Lance chegou, levou Lucille Miller para a casa dele, onde a deixou com sua esposa, Joan. Harold Lance e Lucille Miller voltaram duas vezes à Banyan Street e conversaram com os agentes da polícia rodoviária. Na terceira vez, Harold Lance voltou lá sozinho e, mais tarde, disse a Lucille Miller: “O.k.... Você não fala mais nada”.

Quando Lucille Miller foi presa no dia seguinte à tarde, Sandy Slagle estava com ela. Sandy Slagle era uma estudante de

medicina intensa e de lealdade implacável, que cuidava das crianças e morava com a família Miller como se fosse parte desta desde que se formara no ensino médio, em 1959. Os Miller a tiraram de uma situação familiar difícil e ela considera Lucille Miller não só “tipo uma mãe ou uma irmã”, mas também a pessoa “de caráter mais maravilhoso” que já conhecera. Na noite do acidente, Sandy Slagle estava em seu dormitório na Universidade de Loma Linda, mas Lucille Miller ligou para ela de manhã cedo no dia seguinte, pedindo que fosse para casa. Quando Sandy Slagle chegou, o médico estava lá aplicando uma injeção de Nembutal em Lucille Miller. “Ela estava chorando e se afundando”, lembra Sandy Slagle. “Ela repetia várias vezes: ‘Sandy, passei tantas horas tentando salvá-lo e, agora, o que estão tentando *fazer* comigo?’.”

À uma e meia da tarde, o sargento William Paterson e os detetives Charles Calahan e Joseph Karr, da Divisão de Homicídios, chegaram na Bella Vista Drive, 8488. “Um deles apareceu na porta do quarto”, lembra Sandy Slagle, “e disse a Lucille: ‘Você tem dez minutos para se vestir ou vamos levá-la assim mesmo’. Ela estava de camisola, sabe, então tentei fazer com que se trocasse.”

Sandy Slagle conta a história agora como se a soubesse de memória, seus olhos não vacilam. “Eu tinha posto a calcinha e o sutiã e eles abriram a porta de novo, então vesti uma calça cápri nela, sabe, e uma echarpe.” A voz de Sandy baixa. “E então a levaram.”

A prisão ocorreu apenas doze horas após o primeiro relato de um acidente na Banyan Street, uma rapidez que mais tarde fez com que o advogado de Lucille Miller alegasse que o caso inteiro se tratava de uma tentativa de justificar uma prisão precipitada. Na verdade, algumas inconsistências físicas aparentes foram o motivo pelo qual os detetives que chegaram à Banyan Street naquela madrugada deram ao acidente mais do que uma atenção rotineira. Enquanto Lucille Miller havia dito que estava dirigindo a menos de sessenta quilômetros por hora quando o carro deu uma guinada e parou, um exame no Volkswagen ainda

resfriando mostrou que o carro estava em marcha lenta e que a lanterna estava acesa, não o farol. Além disso, as rodas dianteiras não pareciam estar na exata posição que a descrição de Lucille Miller sobre o acidente sugeria, e a roda traseira direita estava afundada de um jeito como se tivesse girado sem sair do lugar. Os detetives também acharam curioso que uma parada brusca a quase sessenta quilômetros por hora — o mesmo solavanco que supostamente teria derrubado uma lata de gasolina do banco traseiro e, de algum modo, provocado o início de incêndio — tenha deixado intactos no mesmo assento os restos de uma câmera Polaroid e deixado de pé duas caixas de leite no piso de trás do carro.

No entanto, ninguém poderia dar um relato preciso do que aconteceu e do que não aconteceu no momento de terror, e nenhuma dessas incoerências bastava como prova incontestável de intenção criminosa. Mas elas despertaram o interesse do escritório do xerife, tanto quanto a aparente inconsciência de Gordon Miller na hora do acidente e o tempo que Lucille Miller demorou para conseguir ajuda. Além disso, os investigadores notaram algo de errado na atitude de Harold Lance quando ele voltou à Banyan Street pela terceira vez e percebeu que o caso não estava nem de longe encerrado. “Da forma como agiu”, disse depois o promotor público, “acharam que Lance parecia estar fora de si.”

E assim, na manhã do dia 8 de outubro, mesmo antes de o médico chegar para dar uma injeção de calmante em Lucille Miller, o escritório do xerife do condado de San Bernardino já estava tentando construir outra versão do que podia ter acontecido entre meia-noite e meia e 1h50 da madrugada. A hipótese que eles por fim apresentariam era baseada na premissa tortuosa de que Lucille Miller havia empreendido um plano que fracassara: o plano de parar o carro na estrada isolada, jogar gasolina no marido presumivelmente drogado e, com um graveto no acelerador, “dar um empurrãozinho” no Volkswagen na direção do aterro, onde ele tombaria do muro de contenção de um metro e pouco, cairia sobre os limoeiros e, era quase

certo, explodiria. Se isso tivesse vingado, Lucille Miller poderia ter percorrido os três quilômetros da Carnelian à Bella Vista a tempo de estar em casa quando descobrissem o acidente. Segundo a hipótese do escritório do xerife, o plano deu errado quando o carro não passou pela elevação do aterro. Lucille Miller pode ter entrado em pânico com a situação — digamos, depois de o carro ter morrido três ou quatro vezes —, com a estrada escura lá fora, a gasolina já espalhada, os cães latindo, o vento soprando e a terrível apreensão de que um par de faróis pudesse subitamente iluminar a Banyan Street e revelar que ela estava ali — e teria ela mesma incendiado o carro.

Ainda que essa versão explicasse algumas das evidências físicas — o carro em marcha lenta, porque havia arrancado do ponto morto, as lanternas acesas porque ela não podia fazer o que precisava sem luz nenhuma, a roda traseira afundada após várias tentativas de avançar com o carro sobre o aterro, as caixas de leite na vertical porque não houve parada repentina — ela por si só não parecia mais crível ou menos crível do que a história contada por Lucille Miller. Além disso, algumas das evidências físicas pareciam corroborar a história dela: um prego no pneu dianteiro, uma pedra de quatro quilos encontrada dentro do carro, supostamente a pedra com a qual ela tinha quebrado a janela na tentativa de salvar o marido. Dentro de alguns dias, uma autópsia demonstrou que Gordon Miller estava vivo quando foi queimado, o que particularmente não contribuiu para os argumentos do Estado, e também que ele tinha quantidade suficiente de Nembutal e Sandoptal no sangue para fazer uma pessoa comum cair no sono, o que, sim, contribuiu. Por outro lado, Gordon Miller tomava habitualmente Nembutal e Fiorinal (medicamento em geral prescrito para dor de cabeça e que contém Sandoptal), e ainda por cima estava doente.

Era um caso nebuloso, e para que de algum modo seus argumentos funcionassem, o Estado teria que encontrar um motivo. Havia rumores de infelicidade, rumores de que havia outro homem. Foi esse o tipo de motivo que, nas semanas seguintes, as autoridades se propuseram a averiguar.

Começaram a buscá-lo nos livros de contabilidade e nas cláusulas de indenização dupla por morte accidental e nos registros de hoteizinhos de beira de estrada; estavam decididos a investigar o que podia levar uma mulher que acreditava em todas as promessas da classe média — uma mulher que havia sido presidente da Fundação do Coração, que sempre tinha uma costureirinha razoável para indicar e que havia saído da triste e selvagem vida rural da pradaria fundamentalista em busca do que ela imaginava ser uma vida boa —, o que podia levar uma mulher assim a sentar-se numa rua chamada Bella Vista, olhar através da sua nova janela panorâmica para o sol vazio da Califórnia e planejar como iria queimar o marido vivo dentro de um Volkswagen. Encontraram a pista que buscavam mais perto do que poderiam esperar; afinal, como um testemunho iria revelar mais tarde no julgamento, parece que em dezembro de 1963 Lucille Miller tinha começado um affair com o marido de uma de suas amigas, um homem cuja filha a chamava de “tia Lucille”, um homem que pode ter dado a impressão de ter um dom para pessoas, dinheiro e a vida boa de que Cork Miller visivelmente carecia. O homem era Arthwell Hayton, um conhecido advogado de San Bernardino e, na época, funcionário da promotoria pública local.

De certo modo era um affair clandestino bem típico de um lugar como San Bernardino, onde quase nada é alegre ou elegante, e onde é comum as pessoas terem o futuro extraviado e depois procurarem por ele entre os lençóis. Nas sete semanas de duração do julgamento de Lucille Miller por assassinato, o assistente do promotor público, Don A. Turner, e o advogado de defesa, Edward P. Foley, revelariam ambos uma história curiosamente previsível. Houve adulterações nos registros de hóspedes em hoteizinhos fuleiros. Os almoços, os passeios à tarde no Cadillac vermelho conversível de Arthwell Hayton. Houve discussões intermináveis com os parceiros injustiçados. Houve confidentes (“Eu sabia de tudo”, Sandy Slagle insistiria furiosa. “Sabia de todas as datas, todos os lugares, tudo.”) e

frases que pareciam ter saído de um conto ruim de revista (“Não me beije, isso vai provocar muita coisa”, Lucille Miller lembrava de ter dito a Arthwell Hayton no estacionamento do Harold’s Club em Fontana, um dia depois de almoçarem) e ainda os bilhetes, as trocas de carinho: “Oi, docinho de coco! Você é meu tipo ideal! Feliz aniversário! Você não parece ter mais de 29! Do seu benzinho, Arthwell”.

E, já perto do final, houve o azedume. Era 24 de abril de 1964 quando Elaine, a esposa de Arthwell Hayton, morreu subitamente, e nada de bom aconteceu depois disso. Arthwell Hayton havia ido para a ilha Catalina naquele fim de semana, passear na sua lancha, a *Captain’s Lady*; ligou para casa sexta-feira às nove da noite, mas não conversou com a esposa porque Lucille Miller atendeu o telefone e disse que Elaine estava no banho. Na manhã seguinte, a filha dos Hayton encontrou a mãe na cama, morta. Os jornais trataram a morte como um acidente, talvez causado por uma alergia a laquê. Quando Arthwell Hayton voltou de Catalina para casa naquele fim de semana, Lucille Miller foi buscá-lo no aeroporto, mas o final da história já estava escrito.

Foi a partir do rompimento que o affair deixou de ser do tipo convencional e começou a se parecer com os romances de James M. Cain, com os filmes do final dos anos 1930 e com todos os sonhos em que violência, ameaças e chantagens ficam parecendo banalidades da vida de classe média. O mais surpreendente na ação que o estado da Califórnia preparava contra Lucille Miller era algo que não tinha nada a ver com a lei, algo que nunca apareceu no grid de oito colunas de manchetes vespertinas, mas que estava lá: a revelação de que o sonho estava ensinando os sonhadores a viver. Isso foi o que disse Lucille Miller ao seu amante em algum momento no início do verão de 1964, depois de ele sinalizar que, a conselho de seu pastor, não pretendia mais vê-la: “Primeiro, eu vou até esse seu pastor queridinho contar algumas coisas para ele [...]. E quando eu fizer isso, garanto que você não vai mais frequentar a Igreja de Redlands [...]. Olha, Sonny Boy, se você acha que sua reputação será arruinada, saiba

que sua vida não valerá nem um centavo”. E assim respondeu Arthwell Hayton a Lucille Miller: “Vou ao xerife Frank Bland contar algumas coisas que sei a seu respeito e você vai desejar nunca ter ouvido falar em Arthwell Hayton”. É um diálogo curioso, em se tratando de um affair entre a esposa de um dentista Adventista do Sétimo Dia e um advogado Adventista do Sétimo Dia especializado em responsabilidade civil.

“Cara, eu poderia deixar esse sujeitinho entre a cruz e a espada”, mais adiante Lucille Miller confidenciou a Erwin Sprengle, um empreiteiro de Riverside que era parceiro comercial da Arthwell Hayton e amigo do casal de amantes. (Amigo ou não, nessa circunstância ele tinha uma bobina de indução conectada ao telefone, para gravar a ligação de Lucille Miller.) “E não tem nada sobre mim que ele possa provar. Quero dizer, eu tenho algo concreto, ele não tem nada concreto.” Na mesma conversa gravada por Erwin Sprengle, Lucille Miller mencionou uma fita que ela mesma havia gravado subrepticiamente, meses antes, no carro de Arthwell Hayton.

“Eu disse a ele, eu disse: ‘Arthwell, sinto que estou sendo usada’. [...] Ele começou a chupar o dedo e disse: ‘Eu te amo... Isso não começou ontem. Se pudesse eu me casaria com você amanhã. Eu não amo a Elaine’. Ele ia adorar ouvir isso agora, não é mesmo?”

“Ahãã”, Sprengle respondeu com a voz arrastada na gravação. “Isso seria um pouco incriminador, não seria?”

“Só um *pouco* incriminador”, Lucille Miller concordou. “É, realmente *é, sim.*”

Mais adiante na gravação, Sprengle perguntou onde estava Cork Miller.

“Ele levou as crianças para a igreja.”

“Você não foi?”

“Não.”

“Que malcriada você.”

Era tudo, além do mais, em nome do “amor”; todos os envolvidos colocaram uma fé supersticiosa na eficácia da própria palavra. Havia a importância dada por Lucille Miller ao fato de

Arthwell ter dito que a “amava”, e que não “amava” Elaine. Havia o fato de que Arthwell depois, no julgamento, insistiu que nunca dissera aquilo, que talvez tivesse “sussurrado meiguices tolas no ouvido dela” (a defesa de Lucille insinuava que ele as havia sussurrado em muitos ouvidos), mas ele não se lembrava de ter concedido a ela nenhuma honra especial, dizendo aquela palavra, declarando “amor”. Houve a noite de verão em que Lucille Miller e Sandy Slagle seguiram Arthwell Hayton até seu novo barco no atracadouro em Newport Beach e soltaram o cabo com Arthwell a bordo, Arthwell e uma garota com quem — segundo ele disse depois, ao depor — estava bebendo chocolate quente e assistindo à televisão. “Fiz de propósito”, disse Lucille Miller a Erwin Sprengle mais tarde, “para evitar que meu coração pudesse fazer uma loucura.”

O dia 11 de janeiro de 1965 estava quente e radiante no sul da Califórnia, o tipo de dia em que a ilha Catalina flutua no horizonte do Pacífico, o ar cheira a flor de laranjeira e fica tudo a léguas de distância do Leste, sombrio e difícil, a léguas do frio e também do passado. Uma mulher em Hollywood passou a noite protestando em cima do capô do seu carro, para impedir que a financiadora o retomasse. Um aposentado de setenta anos passou com sua caminhonete por três salões de pôquer em Gardena, a oito quilômetros por hora, e esvaziou três pistolas e uma espingarda de calibre doze atirando pelas janelas, deixando 29 pessoas feridas. “Muitas jovens se tornam prostitutas só para ter dinheiro suficiente para jogar cartas”, ele explicou em um bilhete. A sra. Nick Adams disse que “não ficou surpresa” ao ouvir o marido anunciar seus planos de divórcio no programa de rádio *Les Crane* e, mais ao norte, um garoto de dezesseis anos pulou da ponte Golden Gate e sobreviveu.

E, no tribunal do condado de San Bernardino, começava o julgamento de Miller. A multidão foi tamanha que esmagou e despedaçou as portas de vidro do tribunal e, a partir de então, foram emitidas fichas de identificação para os primeiros 43 espectadores da fila. A fila começou a se formar às seis da manhã,

*image
not
available*

alimentícia razoável (poderia ter conseguido isso, alegou a defesa, entrando com um processo de divórcio), ela queria tudo, era uma mulher movida a “amor e ganância”. Uma “manipuladora”. Uma “aproveitadora de pessoas”.

Para Edward Foley, por outro lado, tratava-se de uma mulher impulsiva, “incapaz de controlar seu coraçãozinho tolo”. Enquanto Turner evitou falar da gravidez, Foley se estendeu no assunto, e chegou até a fazer a mãe do morto vir de Washington para testemunhar que o filho lhe havia dito que teriam outro bebê, porque Lucille achava que isso “ajudaria a trazer de volta ao lar a relação agradável que eles costumavam ter”. Onde o promotor enxergava uma mulher “calculista”, a defesa enxergava uma “linguáruda” e, de fato, Lucille Miller mostrou-se uma conversadora ingênua. Assim como, antes de o marido morrer, ela já tinha contado aos amigos sobre o seu caso amoroso; após a morte dele ela também falou sobre isso com o sargento que a levava presa. “É claro que Cork conviveu com isso por anos, sabe como é” — ouvia-se a voz de Lucille dizendo isso ao sargento Paterson, numa fita gravada na manhã seguinte à sua prisão. “Depois que Elaine morreu, uma noite ele ficou desesperado, me convidou pra sair e essa foi, eu acho que foi, a primeira vez que ele realmente encarou a situação.” Quando o sargento perguntou por que ela tinha concordado em falar com ele, contra as instruções claras de seus advogados, Lucille Miller respondeu despreocupada: “Ah, eu sempre fui acima de tudo uma pessoa bem franca... Ou seja, posso guardar um chapéu no armário e dizer que custou dez dólares a menos, mas basicamente sempre levei a vida do jeito que eu queria, e quem não gosta pode cair fora”.

A acusação insinuou que havia outros homens além de Arthwell e, apesar das objeções de Foley, conseguiu citar o nome de um deles. A defesa chamou Miller de suicida. A acusação apresentou especialistas que disseram que o incêndio do Volkswagen não podia ter sido acidental. Foley apresentou testemunhas que disseram que podia, sim. O pai de Lucille, hoje

*image
not
available*

vender informações pessoais de Lucille Miller para a *Life*, mas a *Life* não quis comprar. Na promotoria pública, estão ocupados com outros assassinatos agora e não entendem por que o julgamento de Miller chamou tanta atenção. “Não foi um assassinato tão interessante, em comparação com outros”, diz Don Turner, laconicamente. A morte de Elaine Hayton não está mais sendo investigada. “Sabemos tudo o que queremos saber”, diz Turner.

O escritório de Arthwell Hayton fica bem embaixo do de Edward Foley. Algumas pessoas nas cercanias de San Bernardino dizem que Arthwell Hayton sofreu, outras dizem que não sofreu nada. Talvez ele não tenha sofrido, pois — na terra de ouro, onde todos os dias o mundo nasce outra vez — acredita-se que os tempos passados não tenham nenhuma influência sobre o presente ou o futuro. Em todo caso, no dia 17 de outubro de 1965, Arthwell Hayton se casou novamente, com a bela governanta de seus filhos, Wenche Berg, em uma cerimônia na Capela das Rosas, que fica numa vila de aposentados perto de Riverside. Em seguida, os recém-casados receberam os cumprimentos na recepção para 75 pessoas, na sala de jantar do Rose Garden Village. O noivo usava black-tie e um cravo branco na lapela. A noiva, com um longo vestido branco *peau de soie*, carregava um buquê de botões de rosa e jasmims-de-madagascar. Uma grinalda de perolazinhas sustentava seu véu de ilusões.

1966

*image
not
available*

num momento em que ele (pelo menos eu achava) devia enfrentar esse problema de modo privado; mas fui vê-lo, no México, quando ele estava fazendo o filme que a doença havia adiado por tanto tempo, justamente no país do sonho.

Era o 165º filme que John Wayne fazia. Era o 84º de Henry Hathaway. Era o 34º de Dean Martin, que trabalhava para cumprir um antigo contrato com Hal Wallis, que por sua vez fazia sua 65ª produção independente. Chamava-se *Os filhos de Katie*

Elder e era um filme de faroeste; depois de três meses de atraso tinham finalmente terminado de gravar as externas em Durango e estavam agora em dias menos intensos, rodando as cenas internas nos estúdios Churubusco, nos arredores da Cidade do México, e o sol estava forte, o ar límpido e era a hora do almoço. Os garotos da equipe de filmagem mexicana chupavam caramelos debaixo das aroeiras, e alguns caras da equipe técnica sentavam-se num lugar à beira da estrada que servia lagosta recheada e um copo de tequila por um dólar americano, mas era na cavernosa e vazia cantina do estúdio que os talentos da casa repousavam, os objetos da minha observação, todos sentados ao redor de uma grande mesa, beliscando *huevos con queso* e tomando cerveja Carta Blanca. Dean Martin, com a barba por fazer. Mack Gray, que sempre vai atrás de Martin. Bob Goodfried, que era o responsável pela publicidade da Paramount, viajara até lá para providenciar um trailer e tinha um estômago delicado. “Chá e torradas”, ele não parava de repetir, “esta é a saída, não se pode confiar na alface.” E Henry Hathaway, o diretor, que não parecia estar ouvindo o que Goodfried dizia. E John Wayne, que não parecia estar ouvindo ninguém.

“Esta semana está devagar”, disse Dean Martin pela terceira vez.

“Como é que você diz isso?”, Mack Gray questionou.

“*Esta... semana... está... devagar*, é assim que eu digo.”

“Você não quer que acabe logo, quer?”

*image
not
available*

emprestei para Sammy Davis. Quando peguei de volta, não dava para usar. Acho que deviam ficar batendo na cabeça dele e dizendo ‘Vai, *John Wayne*’, sabe como é, de brincadeira.”

Lá estava Wayne, trabalhando desde cedo, terminando a cena com um resfriado forte e uma tosse intensa, tão cansado no fim da tarde que mantinha um inalador de oxigênio no set. E apesar disso nada além do Código importava. “Aquele cara”, murmurou referindo-se a um repórter que lhe havia caído mal. “Admito que estou ficando careca, admito que tenho pneu na cintura. Que homem de 57 anos não tem? Grande novidade. Enfim, aquele cara...”

Ele fez uma pausa, estava a ponto de expor o cerne da questão, a raiz da reprovação, a quebra das regras que o incomodaram mais do que as supostas citações equivocadas, mais do que a insinuação de que ele não era mais o Ringo Kid. “Ele vem até aqui sem ser convidado, mas ainda assim o convido a ficar. Então sentamos pra tomar um mescal servido numa jarra de água.”

Ele fez outra pausa e olhou seriamente para Hathaway, preparando-o para o inesperado desenlace. “Ele precisou de *ajuda* para chegar até o quarto.”

Discutiram as virtudes dos boxeadores profissionais, discutiram o preço do uísque J&B em pesos mexicanos. Discutiram sobre os diálogos.

“Por mais rude que seja o cara, Henry, ainda não acredito que ele rifaria a *Bíblia* da própria mãe.”

“Gosto de histórias bombásticas, Duke.”

Ficaram contando piadas intermináveis ao fim da refeição. “Sabe por que chamam isso de molho da memória?”, Martin perguntou, segurando uma tigela de chilli.

“Por quê?”

“Porque *na manhã seguinte você se lembra dele.*”

“OuvIU isso, Duke? OuvIU por que chamam isso de molho da memória?”

Deleitavam-se entre eles, marcando quadro a quadro as variações na cena da brighalhada geral, que é sempre um atrativo

*image
not
available*

Onde as saudações não cessam

No exterior do fórum do condado de Monterey, em Salinas, Califórnia, as decorações de Natal do Downtown Merchants brilhavam à luz tênue do sol, que no inverno faz a alface crescer. No interior a multidão piscava inquieta sob as luzes ofuscantes da televisão. Tratava-se de uma reunião do Conselho Supervisor do Condado de Monterey, e a questão, nessa tarde morna antes do Natal de 1965, era se uma pequena escola no Vale de Carmel, o Instituto para Estudos da Não Violência, pertencente à srta. Joan Baez, tinha ou não violado a Seção 32-C do Código de Zoneamento do Condado de Monterey, que proíbe o uso da terra quando este for “prejudicial à paz, à moral ou ao bem-estar geral do condado de Monterey”. A sra. Gerald Petkuss, que morava em frente à escola, colocou o problema de outra maneira. “Nos perguntamos que tipo de gente iria para uma escola como essa”, ela questionou bem no início da controvérsia. “E por que essas pessoas não estão trabalhando e ganhando dinheiro.”

A sra. Petkuss era uma enfermeira escolar jovem e roliça, que tinha um senso de determinação confuso. Ela foi até a tribuna usando um vestido de tricô rosa-suspiro para dizer que tinha sido atormentada por “pessoas associadas à srta. Baez que vinham perguntar onde era o lugar, embora soubessem perfeitamente *bem* onde era; lembro que um senhor tinha barba”.

“Bem, eu não me *importo*”, a sra. Petkuss chorou quando alguém na primeira fileira deu uma risadinha. “Tenho três filhos pequenos, isso é uma grande responsabilidade, e não quero me preocupar com...” A sra. Petkuss fez uma pausa suave. “Com quem está por perto.”

A audiência durou das duas da tarde às sete e quinze da noite, cinco horas e quinze minutos de democracia participativa,

*image
not
available*

nos movimentos de protesto, algo em que focalizar a emoção. Foi até o Sul. Cantou em faculdades negras e estava sempre onde quer que estivesse a barricada: Selma, Montgomery, Birmingham. Cantou no Lincoln Memorial depois da Marcha sobre Washington. Disse ao Serviço de Receitas Internas do governo (IRS) que não pretendia pagar os 60% de seu imposto de renda que, segundo seus cálculos, iria para o Departamento de Defesa americano. Tornou-se a voz do protesto, embora sempre mantivesse uma distância curiosa dos momentos mais ambíguos do movimento. (“Passado um tempo, fiquei bem cansada dessas marchas pelo Sul”, ela diria mais tarde. “Esses grandes artistas alugando pequenas aeronaves e indo até lá, cerca de 35 mil pessoas na cidade.”) Ela havia gravado só uma meia dúzia de álbuns, mas tinha visto seu rosto estampar a capa da *Time*. Tinha apenas 22 anos.

Joan Baez era uma personalidade antes de ser unicamente uma pessoa e, como qualquer pessoa que vive isso, é de certa forma a vítima desafortunada do que os outros viam nela, escreviam sobre ela, queriam e não queriam que ela fosse. Os papéis atribuídos a ela são variados, mas variações sobre um mesmo tema. Ela é a Madona dos descontentes. O peão do movimento de protesto. A analisanda infeliz. É a cantora que não treina a voz, a rebelde que dirige o Jaguar rápido demais, a Rima, a garota da selva, que se esconde com os pássaros e os veados. Acima de tudo, é a garota que “sente” as coisas, que se agarrou ao frescor e à dor da adolescência, a garota sempre ferida, sempre jovem. Agora, na idade em que, querendo ou não, as feridas começam a cicatrizar, Joan Baez raramente sai do Vale de Carmel.

Embora todas as atividades de Baez tendam a assumir certas conotações ameaçadoras na consciência coletiva do condado de Monterey, o que de fato acontece no Instituto para Estudos da Não Violência, da srta. Baez — que foi autorizado a continuar funcionando no Vale de Carmel por três votos a dois dos supervisores — é aparentemente tão ingênuo a ponto de

*image
not
available*

que eu ia falar. O público ficou tão receptivo naquela noite que falei: ‘E querida, quando você crescer, teremos que formar uma equipe evangélica’.” Ele sorri e estica as mãos.

Segundo Ira Sandperl, os dois se aproximaram depois que o pai da srta. Baez foi morar em Paris como consultor da Unesco. “Eu era o amigo mais antigo, então naturalmente ela recorreu a mim.” Ele estava com ela quando as manifestações de Berkeley no outono de 1964 eclodiram. “Na verdade, éramos os ‘agitadores de fora’ de quem você tanto ouvia falar”, ele diz. “Basicamente, queríamos transformar um movimento *sem* violência em um movimento *não* violento. Joan contribuiu muitíssimo para o movimento não ruir, ainda que os rapazes talvez não admitam isso agora.”

Cerca de um mês depois de sua aparição em Berkeley, Joan Baez conversou com Ira Sandperl sobre a possibilidade de ele lhe dar aulas por um ano. “Ela se viu no meio de pessoas politicamente instruídas e”, diz ele, “embora tivesse fortes sentimentos, não conhecia nenhum termo socioeconômico-político-histórico ligado à não violência.”

“Era tudo vago”, ela interrompe afoita, escovando os cabelos para trás. “Quero que seja menos vago.”

Em vez de aulas particulares por um ano, decidiram fazer uma escola por tempo indeterminado, e matricularam os primeiros alunos no fim do verão de 1965. O Instituto não se alinha com nenhum movimento (“Alguns garotos estão apenas nos levando a uma outra bagunça, grande e violenta”, diz a srta. Baez), e o lugar de fato causa uma forte desconfiança na maioria das organizações ativistas. Ira Sandperl, por exemplo, foi pouco útil para o C.D.V., pois o C.D.V. acreditava na não violência como uma tática limitada, aceitava blocos de poder convencionais e até levou um de seus líderes a se candidatar ao Congresso, o que é um anátema para Sandperl. “Querida, deixe-me explicar desta forma. Em direitos civis, agora o presidente assina um projeto de lei e quem chama como testemunha? Adam Powell? Não. Ele chama Rustin, Farmer, King, *nenhum* deles na estrutura de poder convencional.” Sandperl faz uma pausa,

*image
not
available*

um bom cantor de folk que fosse republicano”; raramente essa foi a dicção do novo radicalismo. O programa distribuído em seus shows inclui alguns dos seus pensamentos sobre “esperar pela véspera da destruição”, e esses são seus pensamentos:

Minha vida é uma lágrima de cristal. Flocos de neve caem na lágrima e pequenas figuras se arrastam em câmera lenta. Se eu fosse olhar para a lágrima pelos próximos milhões de anos, talvez nunca descobrisse quem são as pessoas e o que estão fazendo.

Às vezes sinto saudade de uma tempestade. Uma forte tempestade em que tudo muda. O céu passa por quatro dias em uma hora, as árvores gemem, animaizinhos deslizam na lama e tudo fica escuro e completamente selvagem. Mas na verdade é Deus tocando música em sua catedral favorita do céu, despedaçando vitrais, tocando um órgão gigantesco, fazendo as teclas trovejarem em perfeita harmonia, perfeita alegria.

Embora a srta. Baez não fale dessa maneira quando está longe da máquina de escrever, ela tenta, talvez inconscientemente, agarrar-se à inocência, à turbulência e à capacidade de se admirar — por mais artificial ou superficial que isso seja — de sua própria adolescência ou da de outra pessoa. Essa abertura, essa vulnerabilidade, naturalmente é a razão precisa pela qual ela é capaz de “tocar” todos os jovens solitários e desarticulados, todos aqueles que suspeitam que ninguém mais no mundo entende sobre beleza, mágoa, amor e fraternidade. Talvez porque esteja mais velha agora, a srta. Baez às vezes se incomoda de representar, para muitos admiradores, tudo aquilo que é bonito e verdadeiro. “Não estou muito satisfeita com meu pensamento a respeito disso”, ela diz. “Às vezes eu digo a mim mesma: ‘Vamos lá, Baez, você é como todo mundo’, mas também não me satisfaço com isso.”

“Nem todo mundo tem a voz”, interrompe Ira Sandperl, reverenciando-a.

“Oh, está tudo bem ter a voz, a voz está bem...”

*image
not
available*

estava interessada na revolução, mas no revolucionário. Ele tinha um pequeno livro vermelho com os poemas de Mao e, enquanto falava, colocou o livro sobre a mesa, alinhando as bordas de ambos, primeiro no sentido vertical, depois no horizontal. Para entender quem é Michael Laski, é preciso compreender esse tipo de compulsão. Ninguém pensa nele comendo, ou na cama. Ele não tem nada em comum com as personalidades apaixonadas que tendem a aparecer na Nova Esquerda. Michael Laski menospreza os reformistas desviantes. Como Mao, ele acredita que o poder político vem do cano de uma arma; esse é um ponto em que ele insiste com uma franqueza ardorosa e contraproducente. Seu lugar na geografia da esquerda americana é, em suma, extremamente solitário e quixotesco, impopular, pouco pragmático. Ele acredita que há “trabalhadores” nos Estados Unidos que vão “surgir” na hora certa, não na anarquia, mas em um show humanitário. Também acredita que “a classe dominante” é autoconsciente e possuída por poderes demoníacos. Ele é, em todos os sentidos, um idealista.

Eu por acaso me sinto à vontade com os Michael Laskis deste mundo, com aqueles que vivem mais fora do que dentro, que são dotados de um sentimento de pavor tão agudo que se voltam para compromissos radicais e condenados. Eu mesma sei algo sobre o pavor, e aprecio os sistemas elaborados com que algumas pessoas conseguem preencher o vazio; aprecio todos os opiáceos que as pessoas usam, sejam eles de fácil acesso, como o álcool, a heroína e a promiscuidade, ou difíceis de encontrar, como a fé em Deus ou na História.

Mas é claro que não falei sobre o pavor para Michael Laski, cujo ópio particular é a História. Aventurei uma “depressão”, arrisquei dizer que talvez tivesse sido “deprimente” para ele ver apenas uma dúzia de rostos em sua última manifestação no Dia do Trabalho, mas ele me disse que a depressão impedia o processo revolucionário, era uma doença que atacava apenas aqueles que não têm ideologia que os sustente. Michael Laski, como você vê, não se sentia tão próximo de mim quanto eu dele. “Falo com você”, ele frisou, “considerando que isso é um risco

*image
not
available*

Romaine Street 7000, Los Angeles 38

O número 7000 da Romaine Street fica numa parte de Los Angeles familiar aos admiradores de Raymond Chandler e Dashiell Hammett: a parte de baixo de Hollywood, ao sul do Sunset Boulevard, num bairro miserável de classe média repleto de “estúdios de modelos”, armazéns e bangalôs com duas famílias. Como os estúdios Paramount, Columbia, Desilu e Samuel Goldwyn ficam próximos, muita gente que mora por ali tem alguma conexão tênue com a indústria cinematográfica. Alguns já tiraram fotografias com ídolos, por exemplo, ou conheceram a manicure de Jean Harlow. O número 7000 da Romaine Street, propriamente dito, parece uma cena externa de um filme descolorido, lá fica um edifício em tom pastel com detalhes lascados de *art moderne*, janelas com tábuas ou telas de arame para galinheiro e, na entrada, no meio da espirradeira empoeirada, um tapete de borracha diz BEM-VINDO.

Na verdade, ninguém é bem-vindo, pois o 7000 da Romaine pertence a Howard Hughes e a porta está trancada. O fato de que o “centro de comunicações” de Hughes se situe aqui, sob a fraca luz do sol do território de Hammett-Chandler, é uma dessas circunstâncias que satisfazem a suspeita de que a vida é realmente um cenário, pois o império de Hughes tem sido no nosso tempo o único complexo industrial do mundo — envolvendo, ao longo dos anos, a fabricação de máquinas, subsidiárias estrangeiras de equipamentos para perfuração de petróleo, uma cervejaria, duas companhias aéreas, imensas propriedades imobiliárias, um grande estúdio de cinema e uma operação eletrônica e de mísseis — dirigido por um homem cujo *modus operandi* lembrava mais o de um personagem de *À beira do abismo*.

Eu por acaso moro relativamente perto do número 7000 da

*image
not
available*

que levou a América ao Pacífico durante todo o século XIX: o desejo de encontrar um restaurante aberto caso você queira um sanduíche, de ser um indivíduo livre e viver de acordo com suas próprias regras.

Claro que não admitimos isso. O instinto é socialmente suicida e, como reconhecemos que isso é verdade, desenvolvemos formas viáveis de dizer uma coisa e acreditar em outra. Há muito tempo, Lionel Trilling apontou algo que chamou de “separação fatal” entre “as ideias de nossa classe liberal educada e os lugares profundos da imaginação”. “Quero apenas dizer”, ele escreveu, “que nossa classe educada tem uma suspeita estabelecida, embora leve, do motivo do lucro, uma crença no progresso, na ciência, na legislação social, no planejamento e na cooperação internacional [...]. Essas crenças dão muito crédito àqueles que as têm. E comento ainda — se não sobre nossas crenças, sobre nosso modo de defendê-las — que nenhum escritor de primeira linha apareceu para lidar com essas ideias e com as emoções consoantes com elas, de uma forma literária grandiosa.” Oficialmente, admiramos homens que exemplificam essas ideias. Admiramos o caráter de Adlai Stevenson, o homem racional, o homem iluminado, o homem que não depende de uma forma de agir potencialmente psicopática. Entre os homens ricos, oficialmente admiramos Paul Mellon, um herdeiro socialmente responsável no molde europeu. Sempre houve essa divergência entre nossos heróis oficiais e não oficiais. É impossível pensar em Howard Hughes sem ver o abismo, aparentemente sem fundo, entre o que dizemos que queremos e o que de fato queremos, entre o que oficialmente admiramos e o que secretamente desejamos e, no sentido mais amplo, entre as pessoas com quem casamos e aquelas que amamos. Numa nação que parece valorizar cada vez mais as virtudes sociais, Howard Hughes continua sendo não apenas antissocial, mas brilhante e surpreendentemente associal. Ele é o último homem privado, o sonho que já não admitimos.

*image
not
available*

ponto, Hutchins gosta de citar Adlai Stevenson: “O Centro pode ser considerado uma espécie de apólice nacional de seguro, uma forma de garantir que mereceremos coisas cada vez melhores”.

Embora se possa suspeitar que esse tipo pragmático de Método Coué^[3] seja uma forma de pensamento natural à maioria das pessoas do Centro, ele também é vital para que o lugar sobreviva. Em 1959, o Fundo para a República deixou para o Centro os 4 milhões de dólares restantes de uma subvenção original de 15 milhões à Fundação Ford, mas isso já acabou faz tempo e, como nunca houve possibilidade de a Ford dar mais dinheiro, o Centro tem que se virar sozinho. Se virar sozinho custa aproximadamente 1 milhão de dólares por ano. Cerca de 12 mil colaboradores oferecem esse milhão por ano, e ajuda se eles puderem pensar que um presente para o Centro não é um presente para apoiar alguns visionários que nunca viram uma folha de pagamento, mas “um investimento (isento de impostos) na preservação de nosso estilo de vida livre”. Também ajuda apresentar ao doador um panorama de como o Centro é cercado de forças obscuras e, nesse sentido, uma aliada inestimável, embora não intencional, foi a conservadora Sociedade John Birch, de Santa Barbara. “Você não pode deixar que os fascistas os expulsem da cidade”, fui aconselhada por um admirador do Centro.

Na verdade, mesmo sem recorrer à Sociedade Birch como suporte, Hutchins desenvolveu o $E=mc^2$ das fórmulas de captação de recursos. O Centro é sustentado pelo mesmo princípio de uma editora em que os autores pagam para publicar. As pessoas que têm condições de contribuir com grandes quantias de dinheiro são incentivadas a participar do esclarecimento das questões básicas. Dinah Shore, uma das fundadoras, é convidada a discutir direitos civis com Bayard Rustin. Steve Allen fala sobre “Ideologia e intervenção” com o senador Fulbright e com Arnold Toynbee, e Kirk Douglas, que é membro fundador, fala sobre “As artes numa sociedade democrática”. Paul Newman, no papel de “cidadão preocupado”, dispõe-se a discutir “A universidade americana”

*image
not
available*

mel, Transporte gratuito do hotel para o tribunal e a capela e retorno ao hotel, Cerimônias religiosas ou civis, Vestiários, Flores, Anéis, Anúncios, Testemunhas disponíveis e Estacionamento amplo. Todos esses serviços, como tantos outros em Las Vegas (sauna seca, desconto de cheques, casacos de pele de chinchila para venda ou aluguel) são oferecidos 24 horas por dia, sete dias por semana, presumivelmente de acordo com a premissa de que o casamento, uma bobagem, é um jogo para se jogar quando a mesa for favorável.

Mas o que mais impressiona nas capelas da Strip, com seus poços de desejo, vitrais de papel nas janelas e bouvárdias artificiais, é que grande parte do negócio delas não é uma simples questão de conveniência, não resulta de casos de fim de noite entre dançarinas de cabaré e aspirantes a Bing Crosby. Claro que há um pouco disso. (Certa vez, por volta das onze da noite, vi uma noiva em Las Vegas de minivestido laranja e volumosos cabelos cor de fogo tropeçar no braço de seu noivo dentro de uma capela da Strip, o que pareceu a cena de um sobrinho dispensável num filme como *Miami Syndicate*. “Preciso pegar as crianças”, choramingou a noiva. “Preciso pegar a babá, preciso ir ao show da meia-noite.” “O que você precisa”, disse o noivo, abrindo a porta de um Cadillac Coupe DeVille e a observando se amarrotar inteira no assento, “é ficar sóbria.”) Mas Las Vegas parece oferecer algo diferente de “conveniência”, que é a “gentileza” do merchandising, o fac-símile do ritual adequado para garotos que desconhecem outra forma de encontrá-lo, de organizar tudo, de fazer tudo “certo”. Na Strip, seja dia ou seja noite, o que se vê são verdadeiras festas de casamento, enquanto se espera sob luzes ofuscantes em uma faixa de pedestres, ou parado e inquieto no estacionamento da Frontier, enquanto o fotógrafo contratado pela Pequena Igreja do Oeste (“Onde casam as estrelas”) atesta a ocasião e tira a foto: a noiva de véu e saltos de bico fino e cetim branco, o noivo geralmente de smoking branco, e até mesmo uma ou duas funcionárias, uma irmã ou uma melhor amiga de *peau de soie* rosa-choque, um *voilette*, um ramalhete de cravos. “When I Fall

*image
not
available*

letreiros da Psychedelic Shop, até que um garoto de uns dezesseis, dezessete anos se aproxima e se senta ao meu lado, no chão.

“O que você está procurando?”, ele pergunta.

Nada de mais.

“Estou doidão há três dias”, ele diz. Me conta que andou injetando cristais, o que eu mais ou menos já sei, já que ele não faz questão de baixar a manga da camisa para cobrir as picadas da agulha. Faz umas semanas que chegou de Los Angeles, não se lembra bem quantas, e agora vai partir pra Nova York, se conseguir uma carona. Mostro a ele um cartaz em que oferecem carona para Chicago. Ele quer saber onde fica Chicago. Pergunto de onde ele é. “Daqui”, ele diz. Mas quero saber de antes daqui. “De San Jose, Chula Vista, sei lá. Minha mãe está em Chula Vista.”

Alguns dias depois, cruzo com ele num show do Grateful Dead, no Golden Gate Park. Pergunto se conseguiu carona para Nova York. “Ouvi dizer que Nova York é um porre”, ele diz.

Deadeye não apareceu na rua naquele dia, e alguém me diz que talvez eu possa encontrá-lo em sua casa. São três da tarde e Deadeye está na cama. Há outra pessoa adormecida no sofá da sala, uma garota dormindo no chão debaixo de um pôster de Allen Ginsberg e mais duas, de pijama, preparando um café solúvel. Uma delas me apresenta ao amigo no sofá, que me estende a mão, mas não se levanta porque está pelado. Deadeye e eu temos um conhecido em comum, mas o nome dele não é mencionado na frente dos outros. “O cara com quem você conversou”, Deadeye diz, ou então “aquele cara a quem me referi mais cedo”. O cara é um tira.

A sala está superaquecida e a garota no chão está passando mal. Deadeye diz que ela está dormindo há 24 horas. “Deixa eu perguntar uma coisa”, ele diz. “Você quer um pouco de erva?” Eu digo que preciso ir. “Se quiser”, ele reforça. “É sua.” Deadeye já foi membro dos Hells Angels na área de Los Angeles, mas isso faz alguns anos. “No momento”, ele diz, “estou

*image
not
available*

Pergunto por que fugiram.

“Meus pais disseram que eu tinha que ir à igreja”, conta Debbie. “E eles não deixavam eu me vestir como eu queria. Na sétima série a minha saia era a mais comprida de toda a turma. Melhorou na oitava, mas nem tanto.”

“Sua mãe era meio chata”, Jeff concorda.

“Eles não gostavam do Jeff. Não gostavam das minhas amigas. Meu pai me dizia que eu era vulgar. Eu tinha média C e ele dizia que eu não podia namorar até ter notas mais altas, isso também me aborrecia.”

“Minha mãe era a típica vaca americana”, Jeff revela. “Ela sempre encencava com o meu cabelo. E também não gostava de botas. Era brabo.”

“Conta das suas tarefas”, Debbie sugere.

“Por exemplo, eu tinha certas tarefas. Se não terminasse de passar as camisas da semana toda, não podia sair no fim de semana. Afe, era brabo.”

Debbie dá uma risadinha, balançando a cabeça. “Este ano vai ser muito doido.”

“Vamos deixar as coisas acontecerem”, diz Jeff. “Tudo está no futuro, não dá pra planejar nada de antemão. Primeiro vamos conseguir emprego, depois um lugar para morar. E, depois, não sei.”

Jeff acaba com as batatas fritas e fica pensando que tipo de trabalho poderia conseguir. “Eu sempre gostei de metalurgia, de fazer soldagem, coisas desse tipo.” Comento que talvez ele pudesse trabalhar com carros. “Não tenho uma cabeça muito mecânica”, ele diz. “Em todo caso, não dá pra planejar de antemão.”

“Eu poderia trabalhar como babá”, diz Debbie. “Ou numa loja de quinquilharias qualquer.”

“Você sempre fala sobre arranjar emprego numa dessas lojas”, diz Jeff.

“É que eu já trabalhei em uma.”

Debbie está polindo as unhas com o cinto de sua jaqueta de camurça. Está chateada porque quebrou uma unha e também

*image
not
available*

será julgado em mais ou menos um mês e não precisa de uma acusação de estupro de menor de idade, que complicaria ainda mais o caso. Da última vez que Sharon viu seus pais, eles estavam morando em casas separadas. Ela não sente falta da escola nem de praticamente nada do passado, exceto do irmão mais novo. “Quero ajudar a estimular a cabeça dele”, ela revelou um dia. “Ele tem catorze anos, é a idade perfeita. Está no ensino médio e sei onde estuda, um dia desses vou lá buscá-lo.”

O tempo passa, perco o fio da meada e, quando volto a atinar, Max parece estar falando sobre como é lindo o jeito como Sharon lava a louça.

“Ah, *que bonito*”, Sharon diz. “*Tudo* é bonito. A gente fica vendo a gota espessa do detergente azul deslizando no prato, a gordura sendo eliminada... cara, isso pode ser uma viagem.”

Muito em breve, talvez no mês que vem, talvez mais adiante, Max e Sharon pensam em partir para a África ou para a Índia, onde poderão viver da terra, do próprio plantio. “Tenho um pequeno fundo fiduciário, sabe”, Max comenta; “isso é útil porque garante aos policiais e às patrulhas de fronteiras que tenho uma boa situação, mas viver da terra é o que importa. A gente pode se drogar e comprar maconha na cidade, tudo bem, mas precisamos ir para algum lugar viver de forma mais orgânica.”

“Raízes e coisas assim”, diz Sharon, acendendo outro incenso para Michael. A mãe dele ainda está na cozinha, preparando algas marinhas. “São comestíveis.”

Por volta das onze horas, saímos do Armazém para o lugar onde Max e Sharon moram com Tom e Barbara, um outro casal. Sharon está contente de chegar em casa (“Espero que tenha uns cigarros de haxixe prontos na cozinha”, ela diz cumprimentando Barbara) e todos estão contentes de mostrar o apartamento, que está repleto de flores, velas e estampas de caxemira. Max e Sharon e Tom e Barbara ficam bem doidos com o haxixe, e todos dançam um pouco e fazemos umas projeções de luzes líquidas e montamos um estroboscópio e nos revezamos para observá-lo e curtir uma onda. Já tarde, alguém chamado Steve aparece com

*image
not
available*

publicamente alguém que supostamente armou uma apreensão de maconha, como também podem ter um viés mais genérico:

Uma bela garotinha de classe média, de dezesseis anos, vem até a Haight para ver o que está rolando e acaba sendo pega por um traficante de rua, de dezessete anos, que passa o dia todo enchendo-a de anfetaminas, depois a entope com 3 mil microgramas de ácido. O corpo temporariamente desempregado da menina é violentado no maior estupro coletivo ocorrido na Haight Street desde a noite de anteontem. Política e ética do êxtase. Currar na Haight Street virou uma bobagem qualquer. Crianças estão passando fome na rua. Corpos e mentes estão sendo mutilados diante de nossos olhos, uma maquete do Vietnã.

Alguém que não é Jane Lisch me deu o endereço de Chester Anderson, que seria Arguello, 443, mas o número 443 não existe nesse boulevard. Telefono para a esposa do homem que me disse Arguello, 443, e ela diz que é Arguello, 742.

“Mas não vai lá, não”, ela acrescenta.

Digo que vou telefonar.

“Não tem telefone”, ela diz. “Não posso te dar o número.”

“Arguello, 742”, confirmo.

“Não”, ela insiste. “Eu não sei. E não vai lá. E se for, não use o meu nome nem o do meu marido.”

Ela é esposa de um professor titular de literatura inglesa na Universidade Estadual de San Francisco. Decido manter discrição, por um tempo, sobre o assunto Chester Anderson.

Paranoia strikes deep

Into your life it will creep^[7]

diz uma música da banda

Buffalo Springfield.

A atração por Malakoff Diggins anda esquecida, mas Max pergunta por que não vou para a casa dele, só pra estar lá, na

*image
not
available*

“Eu não sei o que ela vai fazer.”

“O que você quer fazer?”

“O que eu quero fazer depende do que ela quiser fazer.” Tom está enrolando uns baseados, primeiro esfrega na seda uma resina de maconha que ele mesmo faz. Leva os baseados de volta pro quarto e Sharon o acompanha.

“Toda vez que as pessoas tomam ácido acontecem coisas desse tipo”, Max afirma. Um tempo depois, ele se empolga e desenvolve uma teoria a respeito. “Algumas pessoas não gostam de sair de si mesmas, esse é o problema. Você provavelmente não gosta, acho que você ia gostar de tomar só um quarto da dose. Com essa quantidade, ainda tem um ego atuante, um ego que tem desejos. Agora, se a onda for de excitação e o seu parceiro ou parceira estiver doidão em algum canto e não quiser ser tocado, bom, aí você se deprime com o ácido, pode ser que passe meses grilado.”

Sharon, sorridente, vai entrando na sala. “Capaz que a Barbara tome um pouco de ácido, estamos todos nos sentindo melhor, fumamos um baseado.”

Às três e meia da tarde, Max, Tom e Sharon puseram papezinhos sob a língua e sentaram-se juntos na sala para esperar o brilho aparecer. Barbara ficou no quarto fumando haxixe. Durante as quatro horas seguintes, a janela no quarto da Barbara ficou batendo, e por volta das cinco e meia da tarde houve uma briga de crianças na rua. O vento da tarde fez uma cortina balançar. No colo de Sharon, um gato arranhou um beagle. Exceto pela música de cítara no toca-discos, não havia nenhum outro som ou movimento até as sete e meia, quando Max disse: “Uau”.

Vejo Deadeye na Haight Street e ele entra no meu carro. Até sairmos da rua, ele se senta bem encurvado para não chamar a atenção. Deadeye quer que eu conheça sua parceira, mas antes quer me contar sobre como aprendeu a ajudar as pessoas.

“Aqui estava eu, um jovem valentão de motocicleta”, ele diz, “e de repente me dou conta de que os jovens não precisam ficar

*image
not
available*

Quando vi Gerry no parque no dia seguinte, perguntei pela menina doente, e Gerry, bem alegre, disse que ela estava no hospital com pneumonia.

Max me conta como ele e Sharon ficaram juntos. “Na primeira vez em que a vi na Haight, meus olhos brilharam. Fiquei vidrado. Então, comecei uma conversa sobre o colar de contas que ela usava, mas, sabe, eu não estava nem aí pro colar.” Sharon morava na mesma casa que um amigo do Max e ele a viu pela segunda vez quando foi lá levar uma penca de bananas pro amigo. “Foi no auge da moda do lance das bananas. Você meio que tinha que impor sua personalidade e obrigar os caras a tragar as cascas de banana. Sharon e eu éramos que nem crianças, ficávamos fumando bananas e nos entreolhando, fumando mais e nos entreolhando sem parar.”

Mas Max ficou na dúvida. Para começar, ele achou que Sharon estava namorando o amigo dele. “Por outro lado, eu não sabia se queria mesmo me amarrar numa patroa.” Mas quando voltou àquela casa mais uma vez, Sharon tinha tomado ácido.

“Aí todo mundo gritou: lá vem o cara da banana”, Sharon o interrompe. “Fiquei superexcitada”, ela complementa.

“Ela estava morando nessa casa de malucos”, Max continua. “Tinha um garoto lá que não fazia nada além de gritar. A onda dele era ficar gritando. Era demais para aguentar.” Max ainda tinha reservas em relação a Sharon. “Mas aí ela me deu um papelzinho, e eu soube.”

Max foi até a cozinha e voltou com o papelzinho, pensando se devia tomá-lo. “Até que decidi deixar a coisa fluir, e aconteceu. Porque quando você toma ácido com alguém por quem está com tesão, você vê o mundo inteiro derreter nos olhos dela.”

“É mais forte do que qualquer coisa deste mundo”, Sharon reforça.

“Nada pode acabar com algo assim”, Max diz. “Enquanto dura.”

No milk today

*image
not
available*

A essa altura tenho um contato não autorizado e extraoficial no Departamento de Polícia de San Francisco. O que acontece é que meus encontros com esse policial são como os encontros dos filmes da madrugada. Por exemplo, eu por acaso estou sentada na arquibancada de um jogo de beisebol, ele coincidentemente se senta ao meu lado e papeamos com certa reserva sobre generalidades. Não trocamos nenhuma informação, na verdade, mas aos poucos começamos a simpatizar um com o outro.

“Os garotos não são muito espertos”, ele me disse nesse dia. “Dizem que sempre identificam os policiais à paisana, que conhecem até ‘o tipo de carro que eles dirigem’. Só que eles não estão falando dos policiais à paisana, e sim dos que usam roupas comuns em vez de uniformes, e que não usam carros oficiais, como eu. Eles não reconhecem os que trabalham à paisana. Estes não saem num Ford preto com rádio transceptor.”

Ele me fala sobre um policial à paisana que foi retirado do Distrito porque achavam que ele já havia se exposto muito e ficara conhecido. O homem foi transferido para a brigada de narcóticos e, por engano, o mandaram de volta para o Distrito para espionar o uso de drogas.

O policial brinca com suas chaves. “Quer saber o quão espertos esses garotos são?”, finalmente ele diz. “Só na primeira semana, esse policial fez 43 detenções.”

Os Jook Savages devem estar dando uma festa em Larkspur para celebrar o Primeiro de Maio. Passo no Armazém e Don e Sue Ann dizem que seria uma boa ideia irmos de carro até lá porque faz tempo que Michael, o filho de três anos de Sue Ann, não passeia. O tempo está arejado e o Golden Gate rodeado por uma névoa ao pôr do sol. Don pergunta a Sue Ann quantos sabores ela é capaz de distinguir num único grão de arroz, e Sue Ann lhe responde que talvez ela devesse aprender a cozinhar *yang*, que talvez todos sejam *yin* demais no Armazém, e enquanto isso eu tento ensinar “Frère Jacques” para Michael. Cada um no seu barato, a viagem foi muito agradável. Ainda bem, pois quando

*image
not
available*

social. Os temas são sempre os mesmos. Um retorno à inocência. A invocação de uma autoridade e de um controle já vistos. Os mistérios do sangue. Uma ânsia pelo transcendental, pela purificação. É aí mesmo que você vê as formas como historicamente o romantismo acaba em confusão, se presta ao autoritarismo. É quando esses rumos se apresentam. Quanto tempo você acha que vai levar para isso acontecer? Essa é a pergunta que um psiquiatra de San Francisco me fez.

Na época em que eu estava em San Francisco, o potencial político do que era então chamado de “o movimento” começava a se tornar evidente. Sempre tinha sido evidente para o núcleo revolucionário dos Diggers, cujo talento para a guerrilha agora se voltava totalmente para o confronto ostensivo e para a criação de uma situação de emergência no verão, e também era evidente para muitos médicos, sacerdotes e sociólogos que tiveram a oportunidade de trabalhar no Distrito, e muito em breve poderia ficar evidente para qualquer pessoa de fora que se desse ao trabalho de decifrar os comunicados de Chester Anderson ou de observar quem chegava primeiro nas escaramuças de rua, que agora davam o tom do cotidiano local. Não era preciso ser analista político para perceber isso, os próprios garotos das bandas de rock percebiam, porque muitas vezes eles estavam lá quando as coisas aconteciam. “No parque tem sempre vinte ou trinta pessoas atrás do palco”, queixou-se comigo um dos integrantes do Grateful Dead. “Prontas para arrastar a multidão para uma viagem militante.”

Mas a beleza peculiar desse potencial político, no que dizia respeito aos ativistas, era que ele ainda não era nada evidente para a maioria dos moradores do Distrito, talvez porque os poucos adolescentes de dezessete anos politicamente realistas tendem a não adotar o ideal romântico como estilo de vida. Também não era evidente para a imprensa que, com níveis variados de competência, continuava a noticiar o “fenômeno hippie” como se derivasse de um trote estudantil de mau gosto, ou como se fosse uma vanguarda artística liderada por garotos

*image
not
available*

tudo que elas não podem ter & como você se safa & como pode você não ser bicha com esse cabelão & de uma forma ou de outra todas querem a haight street. SE VOCÊ AINDA NÃO SABE, EM AGOSTO A HAIGHT STREET SERÁ UM CEMITÉRIO.

Max lê o folheto e se levanta. “Tô sentindo *bad vibes*”, ele diz, e ele e Sharon vão embora.

Preciso ficar por aqui porque estou procurando Otto, então ando até onde os caras do grupo de teatro formaram uma roda ao redor de um cara negro. Peter Berg está dizendo que, se alguém perguntar, aquilo é teatro de rua, e imagino que já abriram as cortinas porque, neste exato momento, estão dando uma surra de cassetetes no negro. Eles batem, mostram os dentes, rebolam na ponta dos pés e depois aguardam.

“Estou começando a me aborrecer aqui”, diz o cara negro. “Vou me irritar.”

A essa altura há vários outros caras negros em volta, lendo os cartazes e observando.

“Ah, é, tá começando a se aborrecer?”, um dos atores diz. “Não acha que já era hora?”

“Ninguém *roubou* a música de Chuck Berry, cara”, diz outro cara negro, que vinha analisando os cartazes. “A música de Chuck Berry pertence a *todo* mundo.”

“É mesmo?”, retruca uma garota com o rosto pintado de preto. “Todo mundo *quem*?”

“Ué”, o negro responde, confuso. “Todo mundo. Na América.”

“Na *América*”, grita a garota do rosto pintado. “Venham ouvir como ele fala *América*!”

“Escuta”, ele diz, desamparado. “Escuta aqui.”

“O que foi que a *América* já fez por você?”, diz em tom de deboche a garota com o rosto pintado de preto. “Esses garotos brancos aqui podem passar o verão inteiro sentados no parque escutando a música que roubaram porque os pais deles, mandachucas, continuam mandando dinheiro. Mas quem já mandou dinheiro para você?”

*image
not
available*

aniversário de Donald Johnson ou o dia em que minha prima Brenda pôs areia para gatos no aquário.

O sentido de ter um caderno nunca foi, nem hoje é, dispor de um registro factual preciso do que tenho feito ou pensado. Isso responderia a um impulso completamente diferente, a um instinto de realidade que às vezes invejo, mas não possuo. Em nenhum momento consegui ter êxito com um diário, minha abordagem da vida cotidiana varia da negligência extrema à simples ausência. Nas poucas ocasiões em que obedeci à tentativa de relatar os acontecimentos do dia, fui vencida pelo tédio, de modo que os resultados foram, na melhor das hipóteses, misteriosos. O que quer dizer “fazer compras, datilografar ensaio, jantar com E, depressão”? Comprar o quê? Datilografar que ensaio? Quem é E? Esse “E” estava deprimido ou eu que estava? Quem se importa?

O fato é que abandonei completamente esse tipo de abordagem inútil e passei a contar o que alguns viriam a chamar de mentiras. “Isso simplesmente não é verdade”, os membros da minha família costumam me dizer quando se deparam com minhas lembranças de um evento que compartilhamos. “A festa *não* era para você, a aranha *não* era uma viúva-negra, *não foi assim*.” É bem provável que estejam certos, pois além de sempre ter tido dificuldade de distinguir o que aconteceu do que poderia ter acontecido, até hoje não me convenci de que essa distinção, para os meus propósitos, tenha qualquer importância. O caranguejo que lembro de ter almoçado no dia em que meu pai voltou de Detroit em 1945 devia ser decorativo, incluído na receita do dia para que parecesse real. Eu tinha dez anos e agora não me lembraria do caranguejo. Os acontecimentos do dia não giraram em torno dele. E no entanto é exatamente esse caranguejo fictício que me faz visualizar aquela tarde de novo, um filme caseiro passando repetidas vezes, o pai carregando os presentes, as crianças chorando, um exercício de amor e culpa em família. Pelo menos para mim, foi isso. Do mesmo modo, talvez não tenha nevado em Vermont naquele mês de agosto,